

COMO “TABOAZA” A INFÂNCIA NA PRÉDICA DO PADRE ALEXANDRE DE GUSMÃO S. J. (1685)

Lais Viena de Souza *

Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e
Professora do Colégio Estadual Anna Junqueira Ayres Tourinho
E-mail: laisvsouza@yahoo.com.br

Palavras-chave: Educação. Infância. Séculos XVI-XVIII.

Hum Político disse, que eram os animos dos mininos, como hua taboaza, que hum insigne Pintor tem aparelhada para pintar nella qualquer imagem, o que nella quizer pintar isso representará, se Anjo, Anjo; se Demônio, Demônio representará. E assim como sair bem, ou mal pintado o quadro depende das primeiras linhas, que nelle o Pintor lançou, assim o sair bem, ou mal criado o filho depende dos primeiros dictames, que nelle como em taboaza debuxou o pay em quanto minino (GUSMÃO, 1685, p. 2-3).

No *Vocabulário Portuguez e Latino* (1721) de autoria do padre Raphael Bluteau foram encontradas duas definições para “tábua rasa”: (1) o “entendimento de hum moço, que ainda não tem especies de sciencia alguma, & que tem capacidade, para receber qualquer impressoens” (BLUTEAU, 1721, v. 8, p. 8); e, (2) “a cabeça do ignorante, sem letras & sem noticias” (BLUTEAU, 1721, v. 8, p. 8). Segundo indicação do clérigo, esta expressão foi tomada de uma metáfora sobre a tela em branco antes de principiar sua montagem e receber pintura ou desenho. Disto derivaria o axioma filosófico: “*Homo nascitur tanquam tabula rasa, in qua nihil est depictum*” (BLUTEAU, 1721, v. 8, p. 10). Os indivíduos nasceriam como tábuas rasas, e nada saberiam naturalmente sem lhes ser ensinados. Nem falar, nem andar, nem coisa alguma, somente o chorar.¹

Padre Alexandre de Gusmão (1629-1724), jesuíta lusitano, membro destacado da Companhia de Jesus no Estado do Brasil, definiu os ânimos dos meninos como tábua rasa em sua obra intitulada de *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia* (1685). Neste “manual de conselhos”, escrito para que os pais soubessem como bem educar seus filhos, cuidou em aconselhar sobre a criação de meninos e meninas nos bons costumes. Logo nas primeiras

* Este artigo/comunicação é fruto da pesquisa de mestrado financiada através de bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre os anos 2006-2008.

¹ Verbete “ENSINAR” – “He cousa notável, que o homem não saiba cousa alguma, se lhe não for ensinada, não falla, nem anda, nem come, finalmente não faz cousa alguma, se não chorar” (BLUTEAU, 1713, p. 134).

páginas foi expressa a idéia de que desde a tenra idade deveriam ser lançadas as sementes para toda a formação vindoura. Tese expressa através de diferentes comparações.

No décimo oitavo capítulo intitulado do referido tratado, “Que naquillo em que os pays puzeram os filhos na puerícia, ficaram toda sua vida”, o jesuíta comparou os meninos a uma muda de planta, que pode ser transplantada e removida sem danos. E ainda como a cera, o barro e os metais, que só enquanto brandos se pode lavrar, porque depois de rijos, ou se quebram, ou dificultosamente se podem moldar. Destas comparações, concluiu que na idade da puerícia facilmente se lhe poderia dar qualquer forma e qualquer imagem. Do reino animal citou, por exemplo, as comparações de Santo Ambrósio (†397) e do Livro de Ezequiel de que os meninos, semelhante às aves, deveriam ser ensinados desde o ninho (GUSMÃO, 1685, p. 144-145).

Padre Alexandre de Gusmão utilizou ainda um trecho das cartas de São Jerônimo (†420), obra das mais citadas em seu tratado, para dissertar sobre a idéia das conseqüências da educação bem ou má principiada. “Assim como as cousas, que se tingem dificultosamente perdem a primeira cor; & as vasilhas velhas jamais perderam o cheiro do óleo, que primeiro em novas recebêram”, deste mesmo modo exemplificou o santo, “o minino depois de velho, cor, que primeiro lhe derem, & o óleo da doutrina que primeiro receber, esse conservará toda a vida” (GUSMÃO, 1685, p. 150). Explicou o jesuíta que a lã tingida de preto dificilmente tornaria a ser alva, ao passo que a que está branca pode tomar qualquer cor e facilmente se lava quando suja. E o vaso que primeiro receber bálsamo ou pez não se pode tirar o cheiro por mais que lavem. Contudo, se estivesse reservado para servir água, qualquer outro “licor” poderia lhe ser depositado sem dano. Destas comparações retirou a seguinte lição: O menino que desde cedo fosse “denegrado” com o vício fazia-se necessária muita “indústria” para tornar a ser virtuoso. Contrariamente ao que conservou a graça e inocência pueril que para toda a doutrina estaria disposto, e se porventura caísse em faltas, facilmente se emendaria (GUSMÃO, 1685, p. 150).

Estas idéias podem ser encontradas com o mesmo sentido retórico em diferentes comparações e distintas obras de cunho educativo lançadas no período moderno no Ocidente. Neste artigo discorreremos sobre estas percepções da importância da prática educativa para as Infâncias no período moderno, destacadamente no mundo luso-brasileiro de fins do século XVII e meados do século XVIII.

Retornando a assertiva da “tabua raza” do padre Alexandre de Gusmão, podemos notar que o jesuíta iniciou sua argumentação mencionando a certo “Politico”. Tendo o jesuíta listado os autores e as obras que lhe serviram de referência, pudemos identificar o dito

“Político” como Don Diego de Saavedra Fajardo (†1648), estadista e diplomata da corte de Felipe IV, em sua obra *Idea de un príncipe cristiano representado em cien empresas* (1643). Na Empresa 2, intitulada “Y puede el arte pintar como en tabla rasa sus imágenes”, D. Diego Saavedra Fajardo declarou-se admirado pelo poder da arte dos pincéis de enganar com as cores aos sentidos com a perfeição de suas imitações da natureza. Embora não possa a arte dar alma aos corpos, afirmou, pode lhes dar a graça, o movimento e até representar os afetos. Deste modo, afirmou o autor, nasce o homem nu, pelado, ignorante em qualquer língua, “rasas las tablas del entedimimiento, de la memoria y la fantasia”. Para que então, através da educação, nestas tábuas rasas fossem impressas a doutrina, as artes e as ciências (SAAVEDRA FAJARDO, 1976, Empresa 2, versão digitalizada).

Esta obra de D. Diego Saavedra Fajardo pode ser identificada segundo os “espelhos de príncipes”. Gênero literário que coligiu preceitos moralizadores e religiosos às razões de Estado, tratando de modo geral em imprimir a imagem do governante exemplar e ideal. Uma das obras mais conhecidas do gênero é *O Príncipe* de Niccolò Macchiavelli (†1527). Com efeito, esta literatura tornar-se-ia no período moderno como o modelo para futuros governantes, e também de perfeição educativa para toda a sociedade. E por este perfil eminentemente pedagógico, podem ser assinaladas como sintoma da nascente preocupação dos meios abastados com a infância.

Como definiu o padre Alexandre de Gusmão, estas “políticas de Príncipes” tinham como principal assunto “formar desde menino o Príncipe pelas regras de Christo, & ditames da razam” (GUSMÃO, 1685, p. 41). Cuidavam em demonstrar aos mestres e pedagogos a importância de afastá-los de todo vício, e incliná-los às virtudes, “para poderem ser depois regra, & modelo a toda a Republica” (GUSMÃO, 1685, p. 41). Idéia explicitada por D. Diego Saavedra Fajardo ao afirmar que a boa educação dos príncipes era mais necessária que aos demais, porque estes eram instrumentos da felicidade política e do bom funcionamento das coisas públicas. A má ou pouca educação era prejudicial a todos os indivíduos, e assaz danosa ao príncipe, por ofender e estimular o mau exemplo ao seu reino (SAAVEDRA FAJARDO, 1976, Empresa 2, versão digitalizada).

Os “espelhos de príncipes” comumente afirmavam a importância da formação de um governante ou nobre ideal, prudente e justo desde os “coeiros”.² Recomendava-se que a educação dos príncipes e meninos nobres fosse preparada pelos pais desde o nascimento.

² Como por exemplo, afirmou Don Diego Saavedra Fajardo que “Siendo el instituto de estas Empresas criar un príncipe desde la cuna hasta la tumba, debo ajustar a cada una de sus edades el estilo y la doctrina, como hicieron Platón y Aristóteles” (SAAVEDRA FAJARDO, 1976, Empresa 1, versão digitalizada).

Segundo comparação de Saavedra Fajardo, como dos primeiros esboços e delineamentos depende a perfeição da pintura, da boa educação em tenra idade depende toda a criação futura. (SAAVEDRA FAJARDO, 1976, Empresa 1, versão digitalizada).

Como exemplo deste gênero na Península Ibérica, podemos destacar *Primeira arte de la philosophia moral de principes para su Buena crianca y gobierno: y para personas de todos os estados* (1602), de autoria do padre Juan de Torres, membro da Companhia de Jesus da Província de Castela. Impressiona o volume desta obra – cerca de novecentas páginas – dedicadas às recomendações para a boa criação e governo dos Príncipes e também para qualquer outra pessoa de qualquer estado que quisesse “alcançar alguma perfeccion em si mismo” (TORRES, 1602, Ao lector). No primeiro livro, no qual o inaciano tratou das tarefas e dignidades dos aios na educação de seus pupilos, afirmou a importância de que a boa criação fosse iniciada desde tenra idade. (TORRES, 1602, p. 15).

No ano de 1644, o Licenciado Francisco da Sylva fez publicar o “pequeno fructo” de seus estudos, intitulado de *Opusculo da Infância e Puerícia dos Príncipes e Senhores*. Esta obra constitui um interessante exemplo de “espelho de príncipes” do mundo português. Seguindo as dez “idades da vida” traçadas por Sólon “Atheniense”,³ Francisco da Sylva optou por tratar em sua obra da “humilde materia da Infancia e puerícia”, por tratara-se do “alicerse alto sobre que se funda o grande edificio da adolescência e virilidade de hum perfeito Príncipe” (SYLVA, 1644, p. 11). Deste modo, enumerou o intelectual alguns dos necessários cuidados desde a primeira idade de infantes, como o aleitamento materno, a escolha dos aios e mestres, e algumas recomendações sobre a civilidade, como o bom comportamento à mesa e o asseio pessoal (SYLVA, 1644, p. 11).

Esta preocupação do licenciado português foi expressa em outro gênero educativo difundido largamente no período moderno - os manuais de civilidade para a infância, espécie de roteiros sobre o “bem agir” das crianças da nobreza e aristocracia. A obra *De civilitate morum puerilium* (1530), de autoria de Erasmo de Rotterdam (†1536), foi a mais destacada publicação do gênero. Alcançou imensa popularidade e repercussão na Europa, contabilizando cento e trinta edições até meados do século XVIII, e influenciando diretamente a produção do gênero sobre a *civilité* no período moderno. Norbert Elias (1990) em seu clássico estudo sobre o processo de civilização dos costumes no Ocidente, afirmou que a

³ As dez idades foram descritas como: (1º) infância, caracterizada como a época em começam a nascer os dentes; (2º) puerícia, em que começa a “aumentar a virtude generativa”; (3º) adolescência, em que nasce a barba “que adorna e autoriza”; (4º) juvenil, na qual “aumentão as forças corporaes”; (5º) varão, em que se cria os vínculos conjugais; somente na sexta chega o entendimento humano, na sétima e oitava chega a prudência, na nona a velhice, e na décima a decrepitude e a morte (SYLVA, 1644, p. 5-8).

importância de análise sobre esta obra estava menos relacionada à sua difusão como fenômeno isolado, e mais pelo seu enquadramento como “sintoma” de uma mudança cultural, e de novas expectativas sociais em torno dos indivíduos.

Herdeira dos códigos de cortesia do medievo europeu, fruto também da própria experiência do humanista, a *Civilidade Pueril* foi amplamente usada ainda no tempo de vida de seu autor como manual educativo para meninos. No seu preâmbulo foram enumeradas as etapas necessárias para a “arte” de instruir criança. Inicialmente deveria atentar-se para que no “espírito ainda tenro recebesse as sementes da piedade” (ROTTERDAM, 2005, p. 123). Em outra obra intitulada *De Pueris* (1529), aconselhou o mesmo renomado autor que os pais não seguissem a opinião em voga em não cuidar em instruir os filhos desde a primeira idade. Aos meninos deveriam dedicar as primeiras noções da boa criação antes que chegassem à idade em que ficassem menos dúcteis e o “animo mais propenso aos defeitos”, ou pior, “infestado com as raízes de vícios tenacíssimos” (ROTTERDAM, 2005, p. 21).

Estas obras sobre civilidade refletem o surgimento de um tempo em que se tornaria mais imperativo o “condicionar” e “modelar” os indivíduos em seus costumes e emoções (ELIAS, 1990, p. 95). Sabidamente, na chamada Era Moderna, alguns tradicionais meios educativos, como a Igreja, a família e a escola, organizam-se em torno da tarefa do educar as crianças. No século XVII que se consolida este ideal educativo, em seus aspectos institucionais e pedagógicos, influenciando todo o devir histórico da educação no Ocidente. Neste contexto, os manuais educativos foram dedicados aos aspectos do projeto antropológico-social do ato de educar e instruir (CAMBI, 1999, p. 281-293).

Um dos mais conhecidos é o *Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*, simplesmente intitulada de *Didática Magna* (1621-1657), redigido por Jan Amos Komensky – o Comenius (†1670). Comenius atribuiu a metáfora da tábua rasa ao filósofo Aristóteles (†322), que afirmava a potencialidade da mente humana, de “onde nada está escrito e onde se pode escrever tudo” (COMENIUS, 2001, cap. V, versão digitalizada). Deste modo, como em uma tábua, em que o escritor e o pintor sapientes de sua arte poderiam gravar o que quisessem, assim também o seria o educador na mente humana.⁴ A primeira natureza do

⁴ Vale citar o trecho na íntegra: “Aristóteles comparou a alma humana a uma tábua rasa, onde nada está escrito e onde se pode escrever tudo. Portanto, da mesma maneira que, numa tábua, onde não há nada, o escritor pode escrever, e o pintor pintar aquilo que quer, desde que saiba da sua arte, assim também na mente humana, com a mesma facilidade, quem não ignora a arte de ensinar pode gravar a efígie de todas as coisas. E se isto não acontece, com toda a certeza que não é por culpa da tábua (exceto, uma ou outra vez, quando ela é demasiado rugosa), mas por ignorância do escrivão ou do pintor. Há, porém, uma diferença: na tábua, não é possível traçar linhas senão até ao limite em que as margens o permitem, ao passo que, na mente, por mais que se escreva ou esculpa, nunca se encontra um sinal que indique o termo, pois (como atrás se observou), ela não tem termo” (COMENIUS, 2001, cap. V, versão digitalizada).

homem foi comparada ainda como a terra onde lançadas variadas sementes germinam-se muitas flores e ervas, como a cera, na qual se imprime o selo ou se fabrica estatueta na forma que o quiser, e como um espelho que capta as cores e formas. A educação, entendida como formação do indivíduo racional, deveria ser iniciada desde a primeira idade (COMENIUS, 2001, cap. V, versão digitalizada).

De modo bastante similar a Erasmo, e também ao padre Alexandre de Gusmão, afirmou Comenius: “Todas as coisas forma[m]-se muito mais facilmente, enquanto são tenras” (COMENIUS, 2001, cap. VII, versão digitalizada) – a cera mole facilmente se amassa e modela, uma “arvorezinha” pode ser transportada, podada, torcida, dos ovos frescos nascem pintinhos, e não dos velhos. Citando a sentença de Cícero – “as crianças aprendem rapidamente inúmeras coisas” (COMENIUS, 2001, cap. VII, versão digitalizada) – advertiu sobre a importância de instruí-las nos ofícios desde novas. Assinalou que a piedade lançada nos corações dos pequeninos, que assim criavam mais facilmente raiz, os habituaria “aos bons costumes” desde tenra idade. E nesta pequenez, advertiu o pedagogo, seria traçada a ventura do homem (COMENIUS, 2001, cap. VII, versão digitalizada).

Esta primeira educação foi atribuída como de obrigação e responsabilidade estreita dos pais, conforme as letras de moralistas e religiosos. Neste enquadramento cultural as crianças deveriam ser modeladas segundo inter-relações com os pais. Reproduzindo os padrões de “vergonha” e ou “repugnância” de dada sociedade, que poderíamos traduzir como a crescente preocupação em moralizar e civilizar as crianças (ELIAS, 1990, p. 187-189). Assim, podemos analisar o gênero pedagógico dos tratados sobre a educação dos filhos, como marcados pela proposição da importância desta “moralização” e “civilização” dos rebentos. Claramente podemos perceber *Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia* neste intento moralizador.

Assinalando outros exemplos de obras produzidas e impressas em fins do século XVII e difundidas em princípios do século XVIII, podemos destacar a François de Salignac de La Mothe-Fénelon (†1715), teólogo e preceptor, em sua obra *De L'Education des Filles* (1687). A preocupação central de Fénelon girava em torno da importância da educação dos filhos ainda em “tendre enfance”, e para tanto advertiu sobre a necessidade da educação das mães. Redargüiu o arcebispo que a criação na primeira idade produziria profundas impressões, e com grandes conseqüências por todo o resto da vida. Fénelon, em uma explicação “fisiológica”, comparou o cérebro das crianças a uma substância mole em que tudo se imprime facilmente (FÉNELON, 1851, cap. III, versão digitalizada).⁵

⁵ “Cette mollesse du cerveau fait que tout s'y imprime facilement, et la surprise de nouveauté fait qu'ils admirent aisément et qu'ils sont fort curieux. Il est vrai aussi que cette humidité et cette mollesse du cerveau, jointe à une

O filósofo inglês John Locke (†1704) publicou *Some Thoughts Concerning Education* (1692) a partir de cartas direcionadas a um amigo sobre suas idéias para a educação da infância. Ainda na dedicatória, afirmou que era dever e obrigação dos pais bem educar, pois o bem-estar e prosperidade da nação dependeriam disto. O cerne da obra era, sobretudo, a formação do *gentleman*, sendo necessários para tanto, empenho e atenção nos cuidados físicos, morais e religiosos. Em diversos trechos do discurso, Locke afirmou a importância da educação doméstica, desde o cuidado com a dieta ao estímulo das virtudes, bem como no exemplo a ser dado pelos pais. Sobre a tenra infância, comparou os pequeninos às fontes de água dos rios, que podem ser desviadas de seu curso, recebendo diferentes tendências e chegando a remotos e distantes lugares (LOCKE, parte I, versão digitalizada).⁶

As idéias de Locke influenciaram declaradamente a composição dos *Apontamentos para a educação de hum menino nobre* (1734), de autoria do “Moço Fidalgo da Casa de Vossa Magestade” Martinho de Mendonça de Pina e de Proença. Obra nascida, segundo afirmou o autor no prólogo, da preocupação com a educação de seus próprios filhos, na reflexão sobre métodos exemplares para a boa criação dos meninos (PROENÇA, 1734, Prólogo). “Consta o homem de alma, e corpo, cuja admirável união todos o experimentão, e ninguém a sabe explicar” (PROENÇA, 1734, p. 21) – com estas palavras iniciou o autor seus *Apontamentos*. Logo nas primeiras páginas da obra, definiu que os principais objetivos da boa educação era o “adornar de virtudes a alma” e também “attender a quanto póde adquirir para o corpo, disposição perfeita, robusta, e capaz; não só do estudo, mas de todos os laboriosos exercícos da vida activa, e militar” (PROENÇA, 1734, p. 22). Se desde a primeira infância acostumassem as crianças a vencer os “appetites”, cada vez mais superior lhe seria a razão, e na idade adulta “se acharão com perfeita disposição para vencer as paixões mais fortes, e resistir aos combates dos vícios” (PROENÇA, 1734, p. 53).

Como considerações finais, podemos perceber que em meio à descrição e análise destas obras destaca-se o valor atribuído à Educação no período moderno. Está explícita a crença do papel formador e transformador sobre o indivíduo: moldando, polindo, podando. A figura da tábua rasa, herdeira da filosofia grega antiga aparece nestas obras como representação do caráter pedagógico e “dirigista” do período. Idéia que em suas origens reflete a tese da natureza primitiva do homem e a sua capacidade de ser “formado” através da

grande chaleur, lui donne un mouvement facile et continuel. De là vient cette agitation des enfants, qui ne peuvent arrêter leur esprit à aucun objet, non plus que leur corps en aucun lieu.” (FÉNELON, 1851: CHAPITRE III).

⁶ Vale citar o artigo de Antório Gomes Ferreira acerca da análise comparativa dos escritos de Fénelon, de Locke e do padre Alexandre de Gusmão sobre a educação dos filhos (FERREIRA, 1988).

razão e “arte”. Tese presente na educação das Infâncias – dos pequenos príncipes e nobres, dos jovens alunos das escolas modernas, dos “preciosos” filhos das famílias conjugais – no mundo luso-brasileiro de fins dos Setecentos. Infâncias a serem escritas como em tábua rasa.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Sistema de estudo bíblico original e exaustivo Thompson. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino. Autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos. Offerecido a El Rey de Portugal, D. João V.* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712-1721. v. 1-8.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia.* São Paulo: UNESP, 1999.

COMENIUS, Johannis Amos. *Didactica Magna (1621-1657).* Tradução, Introdução e Notas de Joaquim Ferreira GOMES. Digitalização Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Versão e-Book. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/didaticamagna/didaticamagna-comenius.htm>>. Acesso em: 02 out. 2007.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Uma história dos costumes.* Tradução de Ruy Jungmann. Revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FÉNELON, François Salignac de La Mothe. *De L'Education des Filles. Oeuvres de Fenelon. Seconde classe. Ouvrages de Morale et de Spiritualite.* Edition des Oeuvres complètes, tome V. J. Leroux et Jouby. Paris; Gaume Frères, Paris; L. Lefort, Lille; Outhenin-Chalandre Fils, Besançon, 1851. Versão Digital. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/>>. Acesso em: 03 maio 2007.

FERREIRA, António Gomes. Três propostas pedagógicas de finais de Seiscentos: Gusmão, Fénelon e Locke. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Coimbra, ano XXII, p. 267-291, 1988.

GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de crear bem os filhos na idade uda Pericia, Dedicada ao Minino de Belém, JESU Nazareno.* Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1685.

HANSEN, João Adolfo. Educando príncipes no espelho. In: FREITAS, M. C. de; KUHLMANN JUNIOR, M. (Orgs.). *Os intelectuais na história da infância.* São Paulo: Cortez, 2002. p. 61-97.

LOCKE, John. *Some Thoughts Concerning Education.* Versão digitalizada. Disponível em: <<http://www.fordham.edu/halsall/mod/1692locke-education.html>>. Acesso em: 03 fev. 2008.

MARAVALL, José. A cultura do Barroco. Análise de uma estrutura histórica. *Clássicos 10.* São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1997.

NEVEU, Bruno. Futurs Rois très chrétiens. In : HALÉVI, R. (Org.). *Le savoir du Prince. Du moyen âge aux Lumières. L'Esprit de la cite*. Paris: Libraire Arthème Fayard, 2002. p. 197-233.

PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e de. *Apontamentos para a educação de hum menino nobre, Dedicada ao Marquez de Alegrete*. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734.

ROTTERDAM, Erasmo de. *De Pueris e A Civilidade Pueril*. Tradução, Introdução e Notas de Luiz Feracine. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 22. São Paulo: Editora Escala, 2005.

SAAVEDRA FAJARDO, Diego. *Idea de un príncipe político cristiano representado em cien empresas. Empresas políticas*. Madrid: Editora Nacional, 1976. Versão digitalizada. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com>>. Acesso em: 22 mar. 2007.

SYLVA, Francisco da. *Opusculo da Infância e Puerícia dos Príncipes e Senhores*. Lisboa: Impresso por Paulo Craesbeck, 1644.

TORRES, Juan de. *Primeira arte de la philosophia moral de principes para su Buena crianca y gobierno: y para personas de todos os estados*. Lisboa: Impresso por Pedro Crasbeck, 1602.